

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1917), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1913, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense e publicou as seguintes obras: *Os Dias de 1898* (1913), *Os Dias de 1913* (1914) e *Os Dias de 1914* (1915).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Tese de doutorado em Letras, apresentada ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: <http://www.cnpq.br/arquivos/antologia.pdf>. Acesso em: 10/05/2011.

quando foi eleito presidente do conselho. Surgiu a ideia de publicar uma antologia da poesia cearense. Com a ajuda de Leonardo Melo, jornalista, e de Zé, poeta cearense, foram reunidos os poetas acadêmicos, ocasião em que o poeta de Aquidauana foi eleito presidente da Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO
1913

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proconceito
Recupera novos ideais,
Tirando a fim a umidade,
Magnânimo à Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria à Glória conduz.

O céu se veste de estrelas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

FARIAS BRITO

Raimundo de Farias Brito nasceu em 24 de julho de 1863 na cidade de São Benedito, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 16 de fevereiro de 1917, aos 54 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1884, foi promotor público em Viçosa, secretário dos governos Caio Prado e José Clarindo de Queirós e professor de Grego e de História no Liceu do Ceará. Mudou-se para Belém onde montou escritório de advocacia e ensinou no Liceu do Pará e na Faculdade Livre de Direito. Transferiu-se, em 1909, para o Rio de Janeiro onde, após concurso, veio assumir a cátedra de Filosofia no Colégio Pedro II.

Considerado como um dos maiores filósofos do Brasil, estreou nas letras com um livro de poemas intitulado *Cantos modernos*, em 1889. Outras publicações: *Pequena história sobre os fenícios e os hebreus*, 1891; *A Filosofia como atividade permanente do espírito humano*, 1895, *A Filosofia moderna*, 1898, *Evolução e relatividade*, 1905 (obras que formam a série *Finalidade do mundo*); e *A verdade como regra das ações*, 1905, *A base física do espírito*, 1912, *O mundo interior*, 1914 (formam a série *Ensaaios sobre a Filosofia do Espírito*).

Ingressou na Academia Cearense no dia 15 de agosto de 1894, como sócio fundador. Participou ativamente das sessões iniciais do sodalício apresentado vários estudos, entre os quais os dois primeiros volumes da *Finalidade do mundo*. Apesar de ter mudado seu domicílio para Belém e depois para o Rio de Janeiro, seu nome nunca foi desvinculado da academia que fundou. Foi sócio do Centro Literário.

OS DOUS VULTOS

*Medeia um vasto mar: dous vultos gigantescos
Contemplam-se de longe em frente a imensidade.
Um deles é a Europa, o outro o Novo-Mundo
Que os dous extremos são da grande humanidade.
E diz a velha Europa: - Ouvi, sou o passado! -
E diz o Novo-Mundo: - E eu sou o futuro! -
Mostrando a Europa então que fica extasiada
O vasto peito seu que o bronze inda mais duro.*

*A Europa é a velha mãe, a América é a filha,
E são a mesma luta, a mesma potestade:
Uma é o grande ser que vem dos tempos idos,
A outra o grande ser que vai p'ra eternidade.
E formam, pois, assim a mesma série infinda
Dos homens no universo, unidos a lutar.
Uma traz a ciência e diz: - Venho de longe.
A outra fita o mundo e diz: - Vou caminhar! -*

*Marchemos, pois, também oh filhos do Brasil
Co'os filhos imortais da terra americana;
Ergamo-nos também, saudemos o futuro,
Façamos a grandeza, a luz da Espécie humana.
Lutemos com fervor, sigamos o caminho
Da grande e poderosa, intrépida União.
Na luta é que se cava a estrada do progresso.
A luta é que é o sol da humana geração.*

.....
.....

*Oh dor grande e profunda, oh dor inconsolável!
Existe no Brasil ainda a escravidão.
O povo americano, o povo do futuro,
Nos deve repelir, não somos seu irmão.
Não sabemos lutar, nos une em nossa vida
O laço ímpio, feroz, da fria crueldade.
Calcamos o direito, é negra a nossa história.
É tudo em nós horror, não temos liberdade.*

*Oh filhos do Brasil, é fundo o nosso mal!
Oh filhos do Brasil, lutemos com fervor.
O crime nos domina, ergamos, pois, com força
Em frente o crime horrendo um grito de furor.
O nosso povo morre em lúgubre prisão,
Lutemos! É preciso ao povo liberdade.
Aqueles que a prisão horrisona conservam
Malditos! Eles são o horror da humanidade.*

.....

*Alegra-te, Brasil. Co'a luz de nova aurora
Começa a desfazer-se a noite de teu ser.
Teus filhos contra o erro enfim se revoltando
E unânimes dizendo: - O erro vai morrer! -
Levantam-se com fé, sem ferro e sem batalhas
Preparam-se a dar fim ao torpe cativo
E erguendo a fronte augusta aplaude a velha Europa
A insigne decisão do povo brasileiro.*

FONTE: BRITO, FARIAS. OS DOUS VULTOS. A QUINZENA, FORTALEZA, V. I, N. 20, P. 155, 2 DE DEZ. 1887. (EDIÇÃO FAC-SIMILAR). {FORAM TRANSCRITAS SOMENTE AS TRÊS PRIMEIRAS E AS ÚLTIMAS OITAVAS DO LONGO POEMA}.